



## **A PERSPECTIVA DA QUALIDADE DA APRENDIZAGEM A PARTIR DA SOCIALIZAÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR**

Autor: Ana Lucia Andruchak; Co-autor (1): Gisele Rogéria Penatieri; Co-autor (2): Edilene Dayse Araújo da Silva; Orientador: Adir Luiz Ferreira.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – [anaandruchak@gmail.com](mailto:anaandruchak@gmail.com)

**Resumo:** Nos propomos explorar concepções sobre a socialização acadêmica, envolvendo as perspectivas estudantis em relação ao aprender, ao meio ambiente de estudos e à condição estudantil, fundamentada em estudos sociológicos sobre a vida universitária. O estudo mostra uma análise voltada para a compreensão dos modos de ser estudante no Ensino Superior e apresenta perspectivas a serem consideradas sobre a qualidade da aprendizagem dos estudantes na graduação.

**Palavras-Chave:** Ensino Superior. Socialização dos estudantes. Meio ambiente de estudos.

### **INTRODUÇÃO**

O estudo explora concepções basilares para se compreender os modos de vivência estudantil na universidade (acesso e permanência), bem como as experiências acadêmicas (de estudo e aprendizagem, por exemplo), resultantes das transformações socioculturais mais amplas. No âmbito deste trabalho, um dos pontos centrais de estudo foi a emergência de um novo universitário, oriundo de um segmento social que, até recentemente, não tinha acesso à Educação Superior, com condições de estudo limitadas e pouca convivência com objetos intelectuais e artísticos da cultura hegemônica, cujo entorno familiar e social têm, geralmente, uma baixa escolarização (BRITTO et al., 2008; GÓMEZ, 2002).

Há uma lacuna acerca de como se dão as condições de experimentação da vida acadêmica e Carrano (2009), aponta uma nova composição dos públicos universitários e os fenômenos sociais por ela engendrados, sendo um campo de análise em que pouco se avançou. São poucos os estudos que envolvem as trajetórias escolares e biográficas dos estudantes universitários, o fenômeno da mobilidade social e sobre como se dão as condições de experimentação da vida universitária após o ingresso.



Ao se resgatar trabalhos sobre os estudantes do ensino superior, observa-se uma ênfase na categoria do *desempenho acadêmico dos estudantes*. Os estudos tendem a ter como variáveis: o percurso escolar anterior; a origem social; as motivações; os projetos e as condições de vida. O que se demonstra, com os citados estudos, é uma correlação estatística entre capital cognitivo anterior, características pessoais e familiares ou condição material e desempenho universitário.

São pesquisas que se baseiam em uma perspectiva reprodutivista/determinista e tendem a se inscrever no campo da sociologia da reprodução, iniciada por Bourdieu e Passeron (1964). A proposição sociológica da teoria da reprodução se centra na posição social do indivíduo (o capital social e linguístico desenvolvido no interior da família) e como ela determina seu futuro escolar. Em geral, as pesquisas que adotam a perspectiva de desempenho e sucesso se baseiam em dados objetivos, como o nível final dos estudos e o ritmo do percurso. Os estudantes com melhor “desempenho” são aqueles que chegam mais rápido ao fim da trajetória. Considera-se, entretanto, que essa é uma leitura reducionista do percurso universitário dos estudantes.

Willian Perry foi um dos pioneiros que inauguraram a perspectiva da análise do ensino superior, tomando por foco a qualidade da aprendizagem. Ao “mapear” a evolução da postura epistêmica na universidade, o autor classificou 9 (nove) posições em 3 (três) categorias: posição dualista; apreensão do relativismo e elaboração do relativismo. Em linhas gerais, nessa tipologia, os estudantes oscilam entre o dualismo simplista e trivial, de caráter dual do conhecimento (falso ou verdadeiro) e a abordagem relativista baseada na apropriação refletida do saber e o sentido pessoal atribuído a aprendizagem. Segundo Perry (APUD PAIVANDI, 2014, p. 45): a postura relativista permite a dúvida, a ambiguidade e a leitura questionadora das informações e das teorias recebidas: nesse caso, o estudante é o sujeito de sua formação e interpreta as coisas com uma abordagem crítica.

Marton e Säljö (APUD PAIVANDI, 2014, p. 45) também merecem destaque nos estudos sobre a temática em questão. Em suas pesquisas, apontaram para 6 (seis) concepções de aprendizagem no ensino superior. Para esses autores, as concepções de aprendizagem se dividem em uma visão quantitativa, instrumental e uma visão qualitativa.

Verifica-se que as aprendizagens da visão quantitativa se caracterizam por um aprendizado numa abordagem superficial (aumento quantitativo do saber; memorização; aquisição de teorias e métodos). As aprendizagens numa visão qualitativa, caracterizam-se como um aprendizado em profundidade (compreensão; construção de sentido ou abstração do significado; transformação qualitativa em si; mudança pessoal; posicionamento diferente no mundo).



Visão quantitativa, instrumental:

- 1) a aprendizagem é vista como aumento quantitativo do saber;
- 2) a aprendizagem é percebida como a memorização para estocar e recuperar nas provas;

3) a aprendizagem é considerada como a aquisição de teorias e de métodos destinados a serem colocados em prática na realidade.

Visão qualitativa:

1) a aprendizagem é destinada à compreensão, à construção do sentido ou à abstração do significado das relações no interior da matéria;

2) a aprendizagem significa a interpretação e a compreensão de alguma coisa, mas de outra forma, em uma transformação qualitativa de si.

3) A aprendizagem é a mudança da pessoa, não significa apenas ver o mundo de outra forma, mas significa também ver, de forma diferente, sua própria posição no mundo.

Outros trabalhos, sobretudo a partir dos anos 1980, convergem e relacionam a abordagem da aprendizagem e a qualidade do resultado. Essas pesquisas revelam que os estudantes se diferenciam pela maneira de fazer e de se investir nas tarefas de estudo, a relação com o saber e o sentido atribuído à aprendizagem.

## **A RELAÇÃO DO ESTUDANTE COM O APRENDER**

Ao eleger como aspecto desencadeador e fundamental a relação do estudante com o aprender na Universidade, Paivandi aponta para um profícuo percurso analítico, a saber: a ligação entre avaliação subjetiva do contexto de estudos e o sentido dado pelo estudante em relação ao aprender na Universidade.

Os fundamentos dos estudos de Paivandi (2014), indicam que a experiência estudantil se constrói em *situação* porque as lógicas e os processos sociais e individuais se misturam, entram em interação e se transformam. Dito de outra forma, *o quê* o estudante vive e sente é inseparável *de como* ele vive, compreende e organiza o ato de aprender.

Observa-se que o autor em estudo, pauta-se em pesquisas no campo da sociologia da educação que buscam variáveis ligadas ao contexto de estudos e às interações desenvolvidas nas situações escolares ou universitárias. Sem negar a importância do *habitus* (*contributo*



*Bourdiesiano*), tem o olhar voltado para a socialização; mobilização intelectual e engajamento acadêmico.

Dois conceitos são fundamentais para a compreensão dos estudos Paivandi sobre o tema aqui em análise, são eles: *perspectiva e meio ambiente de estudos*.

O conceito de meio ambiente de estudo se remete:

(...) à organização pedagógica (modalidade, recursos), aos objetivos formais, às exigências e às atividades pedagógicas efetivas, ao contexto humano e às interações interpessoais. Refere-se tanto ao dispositivo pedagógico (estrutura curricular) quanto ao contexto social designado a organização social das oportunidades de interações (a estrutura extracurricular). O meio ambiente de estudos não se constitui, unicamente, de um quadro que revela os processos sociais de ordem geral, sendo igualmente um lugar de atividades com características próprias. As interações sociais no meio ambiente de estudo compreendem as relações entre estudantes, professores, pessoal administrativo, grupos de pares e dispositivos pedagógicos. Essas interações definem o clima social geral (contexto humano) de uma filiação de estudos. A noção de meio ambiente de estudo designa assim um espaço/tempo de formação que leva em consideração os elementos constitutivos do meio social e pedagógico da aprendizagem. Trata-se de uma perspectiva “ecológica” que tenta integrar o impacto do meio ambiente sobre os atores e as interações (PAIVANDI, 2014, p. 41).

O conceito de perspectiva da aprendizagem, de autoria de Paivandi (2014) é fruto da investigação sobre o sentido dado pelo estudante ao ato de aprender na universidade, assim como ao meio ambiente de aprendizagem na experiência acadêmica. A perspectiva da aprendizagem resgata a ideia de perspectiva da escola de Chicago. Refere-se à maneira ordinária de pensar e de sentir de uma pessoa que se encontra em uma dada situação. A noção de perspectiva significa um ponto de vista sobre a realização na qual o estudante é o autor. Pode-se definir a perspectiva de aprendizagem como o conjunto articulado de ideias, de esquemas e de ações que um estudante mobiliza para apreender as tarefas ligadas à aprendizagem universitária. Paivandi explica que as perspectivas são inseparáveis das situações nas quais elas aparecem, ou nos quadros nos quais os indivíduos dão sentido ao mundo ao seu redor (MEAD, 2005). As perspectivas estão ligadas à ação e permitem aos estudantes construir espaços de realidade no interior da universidade.

Percebe-se que há uma relação reflexiva entre perspectiva e a definição de *situação*, que é simultaneamente produtora e produzida. Está ligada a ação que permite construir sentido sobre a realidade no interior da universidade. Busca a subjetividade dos estudantes por meio do meio



ambiente universitário, compreendendo que a socialização é um processo que permite ao estudante se apropriar do papel dos outros e de construir assim seu *eu* como estudante.

Paivandi (2014) elenca 4 (quatro) tipos de perspectivas no que se refere à relação dos estudantes com o aprender.

**Compreensiva:** Estudante que atende às exigências acadêmicas, privilegia a compreensão e o sentido ao se apropriar do saber, busca aprender de maneira aprofundada, é curioso, interessado

**Minimalista:** Estudante que se contenta com o mínimo indispensável para concluir os estudos, cumpre com as tarefas, conformando-se em atingir o básico que lhe possibilite não reprovar

**Desempenho:** Estudante que busca otimizar os resultados e obter sucesso, busca ser bem-sucedido na universidade por meio de uma postura estratégica com uma boa organização para os estudos, atendendo as demandas dos professores

**Desengajamento:** Estudante que não encontra sentido nos estudos na Universidade, não consegue atender às exigências da academia, sente-se incapaz e já pensou em desistir.

A relação com o aprender constitui a base de um *modus vivendi* entre o estudante e a universidade. E o desenvolvimento de uma perspectiva mostra como os estudantes mobilizam esquemas de ações coerentes para realizar as tarefas ligadas aos seus estudos. O caráter situacional da perspectiva convém ao encaminhamento escolhido, pois os estudantes têm a tendência a desenvolver sua perspectiva como atividade (material e simbólica) de construção e estabelecimento de uma nova identidade para uso no meio acadêmico. Verifica-se, como a perspectiva, então, se constrói e se transforma através da socialização universitária.

## A SOCIALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA

A socialização é simultaneamente: *a) espaço de desenvolvimento consciente de competências, relações, identidades e disposições; b) o campo inconsciente de incorporação de representações de mundo e de si mesmo* (Ferreira, 2014 p. 128). Ou seja, a socialização é um percurso existencial permanente e que progressivamente se distancia dos indivíduos da socialização primária, vivida no meio familiar e na infância. Mas, também pode acontecer uma mudança social acelerada em certos períodos, configurando-se um processo de ressocialização provocado pela experiência escolar universitária. Para muitos estudantes, esses anos de formação acadêmica



também representam a transição da juventude e da influência familiar para a fase da vida adulta e do mundo do trabalho.

O meio ambiente de estudos se relaciona com: a organização pedagógica (modalidade, recursos); os objetivos formais, as exigências e as atividades pedagógicas efetivas; o contexto humano e as interações interpessoais. As interações sociais que ocorrem no meio ambiente de estudo compreendem: as relações entre estudantes, professores, pessoal administrativo, grupos de pares e dispositivos pedagógicos. A noção de meio ambiente de estudo designa assim um espaço/tempo de formação que leva em consideração os elementos constitutivos do meio social e pedagógico da aprendizagem. Configura-se igualmente como uma perspectiva “ecológica”, pois integra o impacto do meio ambiente físico e institucional sobre os atores e sobre as interações. Significa também que se deve incorporar os efeitos das experiências sociais nas explicações sobre o processo de aprendizagem. Em outras palavras, interessar-se ao meio ambiente de estudo significa que a cognição e a socialização não são separáveis (ALAVA; ROMAINVILLE, 2001).

O ingresso de novos sujeitos com relação às referências de classe, de etnia e gênero, provocou fenômenos sociais de novos tipos que precisam ser considerados para entender o que significa ser estudante no contexto atual da universidade brasileira. É essa a situação originada na expansão universitária das últimas duas décadas, quando se associam as desigualdades relacionadas às estruturas sociais contemporânea, com o aumento da presença no meio acadêmico dos estudantes de classes populares.

Do ponto de vista das implicações sociais deste processo, ganha visibilidade a recomposição da população estudantil, que experimenta tanto transformações estruturais da universidade, como dos modos de vida estudantil (GÓMEZ, 2002). São essas as bases de uma nova perspectiva para a *condição estudantil* universitária no Brasil, aqui entendida como o conjunto de forças materiais, práticas sociais e significados culturais relacionados ao fato de ser estudante universitário nesse processo de mudanças.

Remete-se, ainda, de forma articulada ao ofício de estudante no Ensino Superior (COULON, 2008) em três tempos: estranhamento, aprendizagem e afiliação. Delineiam-se no trabalho apontamentos sobre o caráter mutável e heterogêneo do ofício do estudante. Nesse sentido, a investigação amplia olhares que vão além do papel unilateral de estudante, abarcando dimensões para além do cognitivo. Compreender o estudante universitário apenas do ponto de vista de sua condição restrita de aluno é um reducionismo, haja vista que se expressa como uma das múltiplas faces da condição juvenil, por exemplo. Para a análise da condição estudantil, esta condição pode



ser apreendida a partir de alguns de seus elementos, dos quais destacamos: origem social (cidade de origem, renda familiar e per capita, ocupação dos pais e do estudante), etapas da vida, usos do tempo, espaço universitário, relação com os estudos, ofício de estudante, custos com os estudos, relação com o meio estudantil e relações com o meio ambiente de estudos.

Considera-se que a qualidade da aprendizagem se engendra na dinâmica entre o lugar da aprendizagem; o olhar dos estudantes e o contexto da aprendizagem. De um lado, o lugar da aprendizagem se remete ao funcionamento efetivo e a pertinência do contexto intervêm diretamente no processo de aprendizagem. Por outro lado, a maneira pela qual os estudantes percebem e apreciam a organização pedagógica e o conteúdo do ensino torna-se um fator importante de sua mobilização universitária e intelectual. O contexto da aprendizagem, percebido pelos próprios estudantes, influencia, assim, o sentido que se constrói sobre ser estudante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considera-se que medir a taxa de sucesso ou de fracasso coloca uma série de problemas metodológicos e teóricos. Construir um indicador de sucesso unicamente a partir dos resultados obtidos pelos estudantes pode refletir apenas de forma parcial uma realidade social que nunca será totalmente transparente e está sempre suscetível a variações biográficas singulares. Desta forma, reduz-se o sucesso ou o desempenho aos resultados obtidos pelos estudantes, pelas instituições ou pelos cursos, enquanto o sentido atribuído pelos interessados aos termos fracasso e sucesso permanece esvaziado, longe da sua realidade e incompreensível para eles.

Ao se avaliar o sucesso, por exemplo, em função do ritmo do percurso. O atraso de um estudante é um sinal de dificuldades encontradas para seguir, com sucesso, o currículo, nos prazos esperados. Essa modelização estatística do sucesso na universidade introduz uma concepção "racional" e "economicista" dos percursos universitários. A experiência universitária é vista como um tempo quantitativo e linear, de ordem escolar, valorizando um itinerário já definido e rígido. As escolhas cruciais, o novo olhar sobre a vida, as novas formas de autonomia social, intelectual e afetiva, a busca de sentido em um momento transitório de seu percurso, são ignoradas.

A experiência universitária não é determinada apenas pelo que essa instituição impõe, mas também pelos projetos pessoais, as motivações, as temporalidades e as condições singulares dos estudantes. A condição estudantil e a maneira de ser estudante não constituem uma realidade única. A pluralidade de tipos de estudantis é um fenômeno em desenvolvimento. As investigações sobre os



modos de ser estudante no Ensino Superior apresentam singular relevância, ao explorar novas pistas a serem focalizadas sobre a qualidade da aprendizagem dos estudantes na graduação.

Intentou-se promover a aproximação/aprofundamento teórico da temática exposta: a compreensão dos modos de vivenciar a universidade pelos estudantes, bem como atentar para a necessidade e importância de um aporte teórico consistente e profícuo para os estudos a ela relacionados. Por fim, constata-se que as considerações elencadas se configuram como potenciais subsídios, fecundos de possibilidades para outros aprofundamentos e desdobramentos, e cujo desvelamento será relevante para a apreensão sociológica e pedagógica de novas nuances na realidade do Ensino Superior no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALAVA, Séraphin; ROMAINVILLE, Marc. Les pratiques d'étude entre socialisation et cognition, *Revue Française de Pédagogie*, Lyon (França), n. 136, p. 159-180, juil./sept., 2001.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Les héritiers*. Les étudiants et la culture. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

BRITTO, L. P; et all. Conhecimento e formação nas IES periféricas: perfil do novo aluno da educação superior, *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 13, n. 3, p. 777-791, nov. 2008

CARRANO, Paulo. Jovens universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPÓSITO, Marília. *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 1 / Marília Pontes Sposito (coord.) Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

COULON, Alain. *A condição do estudante: a entrada na vida universitária*. Tradução Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na Universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. *Educação em Questão*, Natal, v. 48, n. 34, p. 116-140, jan./abr. 2014.

FERREIRA, Adir Luiz. *Havia uma sociologia no meio da escola*. Natal: EDUFRN, 2004.

GÓMEZ, Carlota Guzman. Reflexiones en torno a la condición estudiantil en los noventa: los aportes de la sociología francesa. *Perfiles Educativos*, año/vol XXIV, n. 97-98. Universidad Nacional Autónoma de México. México, DF, México, 2002.

MEAD, George Herbert Mead. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. [1934] Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos, *Educação em Questão*. Natal | RN, v. 48, n. 34, p.39-65, jan./abr. 2014.